

Sob um olhar estrangeiro: Nuances da Trajetória Histórica das Mulheres Amazônicas a partir da perspectiva de Elizabeth Agassiz

Thais Stefhani de Oliveira Leal¹
Arcângelo da Silva Ferreira²

Resumo

No decorrer do século XIX pequenas vilas e, posteriormente, a cidade de Manaus receberam a visita de inúmeros viajantes, que na sua maioria, se constituíam de cientistas ávidos pela fauna e flora locais. Uma dessas viagens trouxe o casal Louis e Elizabeth Agassiz, que durante a expedição Tayer percorreram do Rio de Janeiro ao Amazonas. Com o apoio do Imperador Dom Pedro II e ajuda de vários habitantes locais o casal passou cerca de um ano no Brasil, mesmo que o objetivo principal fossem espécies de plantas e animais o relato também fala sobre a cultura, valores e costumes presentes no país. A região que recebeu mais atenção foi a Amazônica, nela, Elizabeth Agassiz descreve lugares, pessoas e animais a sua própria maneira. Com um toque feminino, *Viagem ao Brasil* é uma das obras essenciais para se ter um vislumbre, mesmo que seja de parte da Amazônia no século XIX. Para desenvolver esse trabalho, tivemos como fonte principal o livro do relato de viagem da autora, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica elaborada a partir de materiais disponíveis para a pesquisa, além do método indiciário utilizado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, nele é possível interpretar a realidade utilizando indícios que permitam decifrá-la e compreendê-la. Concluímos que, nas representações elaboradas por Elizabeth Agassiz reside expressiva carga ideológica, marcada pelo etnocentrismo, evolucionismo e racismo, teorias em voga no século XIX, além de observar que as mulheres estiveram presentes na sociedade amazônica o problema seria a falta de representatividade relacionada a elas.

Palavras-Chave: Amazônia, Elizabeth Agassiz, Mulheres

Considerações Iniciais

Este artigo tem como proposta a utilização da obra “Viagem ao Brasil 1865-1866”, escrito por Louis e Elizabeth Agassiz como recurso para analisar o cotidiano das mulheres amazônicas tanto no meio urbano quanto no meio rural durante o século XIX. O artigo toma como ponto de partida a investigação da História Social das mulheres amazônicas no período oitocentista, essencialmente na Amazônia tendo como objetivo principal analisar indícios históricos, inscritos nos relatos de viagem de Elizabeth Agassiz, na perspectiva de um saber histórico sobre aspectos do cotidiano das mulheres na Amazônia oitocentista.

Vale lembrar que, o século XVIII era marcado por relações coloniais marcadas de rivalidades e uma das variações desses conflitos era o fechamento de fronteiras. Isso implicava a restrição da presença de estrangeiros na Amazônia, a primeira expedição a descer o rio Amazonas foi a de *Le Condamine*.

¹ Graduanda do 8º período do curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: thaisstefhani1@gmail.com

² Orientador. Doutor em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: adferreira@uea.edu.br

No início do século XIX diversas expedições começaram a ser realizadas com destino a Amazônia. Os viajantes chegavam ao Brasil como anunciadores de um novo tempo, um tempo em que a sociedade ocidental vivia simultaneamente em dois mundos, um mundo inteiramente moderno e um que não chegava sê-lo. Isso porque a região atravessou a primeira metade do século em completo isolamento. A relativa prosperidade agrícola não chegava à região pela falta da mão de obra e de capital, tudo isso era agravado pela dificuldade de comunicação e transporte, além da escassa população.

A metodologia usará de pesquisa bibliográfica elaborada a partir de material já publicado, por meio de livros, artigos e periódicos que abordam sobre a temática da mulher no cenário da Amazônia do século XIX a fim de se obter um panorama sobre o tema pesquisado e destacar quais aspectos são abordados (social, familiar, trabalho). A biografia utilizada abarca o livro Viagem ao Brasil 1865-1866, além de autores como Hideraldo Costa, Patrícia Melo Sampaio, Renan Freitas Pinto, entre outros.

Além da pesquisa bibliográfica, será utilizado também o método indiciário que propõe um modo interpretativo centrado sobre os resíduos e dados subsumidos, porém reveladores aos propósitos da investigação histórica. A defesa da importância do método indiciário para o alcance dos objetivos do projeto se justifica no fato deste método ter se legitimado no âmbito da produção historiográfica internacional e nacional. Nessa medida, mostrou sua eficácia em gerar novas descobertas através da análise de vestígios ínfimos, escondidos nos silêncios inscritos nas fontes históricas. Importa ao método indiciário, os pequenos detalhes.

Atualmente, os estudos sobre a mulher tanto em sua vida privada quanto pública tem uma quantidade plausível, porém ao olharmos para trás nos debruçamos com uma grande lacuna em termos de pensamento social principalmente no século XIX e início do XX. O deslocamento do olhar historiográfico para segmentos populares também vêm ganhando cada vez mais espaço. Desde o advento da Escola dos Annales a história procura generalizar e expandir-se aos níveis das camadas populares. Em contrapartida, outras dimensões da existência humana, mesmo que de igual relevância demoraram um pouco mais para atingir a notoriedade desejada. E esse é o caso das questões de gênero, enfim consolidadas nas últimas três décadas do século XX, consistindo, então, em um dos campos com maior dinamicidade dos estudos históricos em todo país. (PINHEIRO, 2019)

Porém, por mais que tenham ganhado notoriedade, quando o assunto são as mulheres através do tempo é possível notar que há árdua e complexa tarefa de rastrear sua presença, principalmente no que tange ao cenário social. As mulheres sempre estiveram presentes na

sociedade amazônica, o problema reside no fato da falta de representatividade relacionada a elas.

Eliana Ramos Ferreira (2003), por exemplo, descreve um dos raros artigos sobre as mulheres e sua presença na Cabanagem (1835-1840). Segundo a autora, o movimento consistiu em uma revolta familiar nas quais todos participaram, tendo a mulher diversos papéis, desde a retaguarda (produção de alimentos, criando condições para maridos e filhos que pudessem estar na guerra), até a interação na linha de frente de batalha. Esse pode ser adotado como um belo exemplo da presença feminina nas lutas, revoltas e nos acontecimentos pertinentes a História da Amazônia. Mostrando quão importante foi a participação feminina em diferentes cenários e situações.

No livro “Viagem ao Brasil 1865-1866” podemos encontrar ricas passagens da presença feminina, talvez porque este seja um dos poucos relatos que foram escritos por uma mulher. Nele há narrativas sobre a vida cotidiana das mulheres tanto das camadas mais abastadas quanto das mais populares.

O artigo está dividido em três partes, sendo que no primeiro tópico é realizado um pequeno esboço biográfico de Elizabeth Agassiz, um pouco de sua vida pessoal e de sua luta pela implementação do ensino superior para mulheres, ainda no primeiro tópico, veremos sobre os debates científicos do século XIX e a disputa criacionismo vs evolucionismo, no qual seu marido estava diretamente envolvido. O tópico seguinte aborda a expedição *Tayer* que deu origem ao relato de viagem. A terceira e última parte explana as mulheres amazônicas propriamente ditas, ele é dividido em três subtópicos: a mulher amazônica e suas relações na capital, a mulher amazônica e suas relações nas pequenas vilas, e um é direcionado a Alexandrina, a ajudante de naturalista que acompanhou Elizabeth em parte de sua jornada.

A escolha do tema se deu pelo simples fato de que, em um dia de faxina, ao retirar livros velhos de uma pequena estante um livro de capa verde caiu em minha cabeça, curiosa comecei a folheá-lo para que pudesse saber mais sobre o conteúdo, ao ver desenhos e uma narrativa leve me perdi em suas páginas por um tempo. Quando inicio a leitura observo leves nuances de um olhar feminino que, perplexo, descrevia outras mulheres com costumes, crenças e modos diferentes. Nesse dia, conheci Elizabeth Agassiz e seu relato de viagem. Sua obra, juntamente com mais dois naturalistas rendeu um projeto de iniciação científica intitulado “Nuances da Trajetória histórica das mulheres na Amazônia a partir da ótica dos naturalistas Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates e Louis e Elizabeth Agassiz (Século XIX)”.

No decorrer da pesquisa, ao descobrir sua trajetória e ao ter contato (mesmo que de forma rápida) com as inúmeras mulheres que passaram por seu caminho, após descobrir que esta obra, que leva tanto seu nome quanto de seu marido, foi escrita mais por ela do que por ele, me vi não somente envolvida com autora e personagens como também com a relação entre homens e mulheres amazônicos no século XIX.

Talvez, nesse dia de faxina, Elizabeth tenha pedido, com um leve sussurro para que eu a tirasse da estante, para que pudesse descobrir não uma nova Amazônia, mas uma Amazônia escrita por uma mulher que descrevia outras mulheres, que ao mesmo tempo que ficava perplexa com as diferenças culturais se revoltava com o cenário social na qual as mulheres estavam inseridas.

1 – Elizabeth Agassiz, um esboço bibliográfico

Em 5 de dezembro de 1822, nascia Elizabeth Cabot Cary, filha de Thomas Graves Cary (1791 – 1859) e Mary Ann Cushing Perkins (1798 – 1880). A família Cary era uma das mais tradicionais de Boston, envolvida no comércio China/Índia sua posição financeira e social era privilegiada, isso fez com que a vida de Elizabeth fosse permeada de reuniões familiares além de receber educação esmerada, sendo a música um dos seus temas favoritos e de lazer. (ANTUNES, 2021). Conhecer suas origens familiares é importante pois é interessante observar como, uma espécie de esboço bibliográfico³, sua herança de valores morais se tornou um elemento definidor de seu caráter.

Para Bourdieu (2007) a teoria da biografia enquanto retrospectiva pessoal, quando realizada a partir da perspectiva obra/autor (que se aplica a este caso), só pode ser compreendida através de uma realocação ideológica, na qual o princípio unificador e gerador das “escolhas” da “vocaçãõ”, muitas vezes consideradas como “tomadas de consciência”, não são nada mais do que *habitus*, que produzem práticas e, por essa via, carreiras ajustadas a estruturas objetivas.

Tal passo é necessário para que se possa indagar não como tal escritor chegou a ser o que é, mas o que as diferentes categorias de artistas ou escritores de uma determinada época ou sociedade deveriam ser do ponto de vista do *habitus* socialmente constituído para que se lhes tivesse sido possível ocupar as posições que lhes eram oferecidas por um determinado estado do campo intelectual e, ao mesmo tempo, adotar as tomadas de decisão ou posição estética ou ideológica objetivamente vinculadas a estas posições. (BOURDIEU, 2007, p. 190)

³ Um conceito semelhante foi utilizado por Bourdieu para fazer referência a uma determinada maneira de compreender a existência individual como um caminho linear, onde o passado é tomado como uma preparação para o futuro em uma relação de causa e consequência.

Por isso, se faz necessária a constituição deste primeiro capítulo como ilusão biográfica⁴, para que se possa entender, de maneira mais concisa o princípio unificador que geriu as escolhas da “vocação” de Elizabeth não apenas como alguém que registrava e acompanhava o marido em suas expedi es e descrevia, a sua maneira, o que via em suas viagens, como também uma lutadora assídua pela educa o superior feminina.

Segundo Antunes (2021) a infância de Elizabeth e parte de sua adolescência são períodos em que há poucos registros históricos. No ano de 1850 (com 28 anos de idade) casou-se com o naturalista Louis Agassiz, tanto na biografia de Louis quanto na biografia de Elizabeth não existem informa es que nos mostrem o contexto em que os dois se conheceram ou que revele algo sobre o início do relacionamento entre ambos.   importante destacar que o casamento com Elizabeth deu a Louis um posicionamento na elite intelectual de Boston.

Nascido em M tier, no cant o de Friburgo, Su a em 28 de maio de 1807, Jean Louis Agassiz não seguiu o trabalho na loja de seu tio François Mayor, dedicando-se, em vez disso aos estudos acad micos, logo começou a se destacar na área da História Natural e não muito tempo depois proferia palestras de cunho criacionista evidenciando sua defesa da teoria criacionista-catastrofista⁵. (ANTUNES, 2021). A escolha do tema de suas palestras se adequava perfeitamente ao público que assistiria, pois, historicamente, a coloniza o de Boston foi marcada por fortes valores religiosos.   importante tecer essa informa o diretamente com Elizabeth, já que ela pertencia a uma das famílias mais tradicionais da cidade, logo esses valores religiosos estariam fortemente presentes em sua vida fazendo com que partilhasse das mesmas ideias que o marido.

O casamento com Elizabeth não foi o primeiro do naturalista, no ano de 1833 Louis casou-se com Cecile Braun, o casamento rendeu-lhe dois filhos que, mais tarde seriam criados por Elizabeth após a morte da primeira esposa em 1848 enquanto ele estava nos Estados Unidos. Em sua biografia (escrita por ela própria) a primeira confirma o da existência de um relacionamento entre ambos aponta diretamente para o seu casamento com Louis, onde ela afirma:

⁴ A ilusão biográfica, título do artigo de Pierre Bourdieu, publicado em 1986, momento em que as histórias de vida ressurgiam nas Ciências Humanas e Sociais, tornou-se uma expressão emblemática da tensão entre tendências opostas: a que lança um olhar de suspei o sobre o biográfico e a que defende sua legitimidade em pesquisa.

⁵ A **teoria criacionista-catastrofista** estabelece que a Terra e grande parte de seus componentes foram formados através da sucessão de eventos catastróficos causados por Deus (que geraram o desaparecimento de certas espécies, animais e plantas, e permitiram o aparecimento de outras). Teve seu pico durante os séculos XVII, XVIII e início do XIX.

This marriage confirmed his resolve to remain, at least for the present, in the United States. It connected him by the closest ties with a large family circle, of which he was henceforth a beloved and honored member, and made him the brother-in-law of one of his most intimate friends in Cambridge, Professor C. C. Felton. Thus secure of favorable conditions for the care and education of his children, he called them to this country.⁶(ANTUNES, 2021, p.20, *apud* Paton, 1919)

Quando chegaram ao Estados Unidos, Elizabeth cuidou dos filhos de Agassiz como se fossem seus. Agora, em sua vida de casada ela passa a conviver com um naturalista que fazia de sua casa um museu e gabinete de estudos, em uma das cartas endereçadas a mãe ela destaca que estar casada com um naturalista fazia de sua residência uma verdadeira coleção particular de animais vivos em cativeiro. Enquanto o marido se dedicava aos estudos de História Natural, Elizabeth se mantinha engajada em seus próprios projetos.

By the way, I must tell you something that happened to me today, in solemn warning to any woman who thinks of becoming the wife of a naturalist. In a hurry this evening to prepare for church, I ran to my cupboard for my boots, and was just going to put my hands upon them when I caught sight of the tail of a good-sized snake, which was squirming about among the shoes. I screamed in horror to Agassiz, who was still sound asleep, that there was a serpent in my shoe-closet. "Oh, yes," he said sleepily, "I brought in several in my handkerchief last night; probably (yawning) they have escaped. I wonder where the others are." This is a true tale. The rest of the pleasing monsters were secured, and Agassiz had the audacity to call upon me to admire their beauty, when he had caught them again.⁷ (Antunes, p.21, 2021, *apud* Paton, 1919)

Como dito antes, Elizabeth foi defensora assídua da educação superior feminina, partiu dela a iniciativa de criar uma escola totalmente voltada para o ensino de mulheres. Após pensar em como organizaria essa ideia a discutiu com seus pais e com os filhos, antes de apresentá-la a Agassiz. O marido prontamente apoiou, concordando em supervisionar as aulas de Geografia e História Natural, dando aulas diárias, seis dias por semana, a escola foi batizada de *Agassiz Scholl* (ANTUNES, 2021). Além de supervisionar, atuando como uma espécie de diretora, ela também acompanhava as aulas ministradas por Louis, aprimorando,

⁶ Este casamento confirmou sua determinação de permanecer, pelo menos por hora, nos Estados Unidos. Conectou-o pelos laços mais estreitos com um grande círculo familiar, do qual ele era, daqui para frente, um amado e honrado membro, e fez dele o cunhado de um dos seus mais íntimos amigos em Cambridge, Professor C. C. Felton. Assim, seguro de favoráveis condições para o cuidado e educação de seus filhos, ele os chamou para este país. (Tradução nossa)

⁷ A propósito, devo dizer-lhe algo que aconteceu comigo hoje, como solene advertência a qualquer mulher que pense em se tornar esposa de um naturalista. Com pressa esta noite para me preparar para a igreja, corri para o meu armário para pegar minhas botas, e estava apenas colocando minhas mãos sobre elas quando avistei a cauda de uma cobra de bom tamanho, que estava se contorcendo entre os sapatos. Gritei horrorizada para Agassiz, que ainda estava dormindo profundamente, que havia uma serpente no meu armário de sapatos. "Oh, sim", ele disse sonolento, "eu trouxe vários no meu lenço ontem à noite; provavelmente (bocejando) eles escaparam. Eu me pergunto onde estão os outros." Este conto é verdadeiro. O resto dos monstros agradáveis estavam seguros, e Agassiz teve a audácia de me chamar para admirar sua beleza, quando ele os pegou novamente. (Tradução nossa)

dessa forma seus conhecimentos sobre ciências naturais e pouco a pouco, desenvolvendo habilidades que, mais tarde, seriam fundamentais para que ela atuasse não apenas na edição do material publicado pelo próprio Agassiz, como também para que a própria Elizabeth viesse, mais tarde escrever, de forma autônoma, os relatos das viagens por eles realizadas.

Ainda que não possuísse uma educação universitária formal como naturalista, a vida de Elizabeth estava tão intimamente ligada à de Louis Agassiz que sua participação nas atividades do marido eram constantes.

Após o período em que passaram no Brasil, um novo projeto se iniciou na vida do casal, em julho de 1873 foi inaugurada a *The Anderson School of Natural History*, de acordo com Paton, o zelo de Elizabeth em apoiar as iniciativas do marido foi um dos fatores fundamentais para a inauguração da escola na data planejada, pois uma série de atrasos nas obras de construção do prédio principal só foi resolvido por meio da iniciativa dela em conseguir apoio de marceneiros locais.

No entanto, após período bem-sucedido, em 14 de dezembro de 1873, já com a saúde fragilizada Louis Agassiz falece em sua própria residência. A morte do marido acaba abalando de maneira considerável sua vida, como descreve Paton em sua biografia:

For with his death Mrs. Agassiz entered upon an essentially new existence. The end had come to the days of wide travel, of engrossing and stimulating scientific interests, and of absorption in the welfare and pursuits of her husband.⁸ . (ANTUNES, 2021, p.36, *apud* Paton, 1919)

A vida de viagens científicas fora substituída por uma vida doméstica, principalmente após a morte de sua nora, que ocorreu apenas após uma semana da morte de Louis. Agora encarregada de três netos Elizabeth inicia uma reunião de documentos familiares, que logo se transforma em uma redação de uma biografia de interesse público. (Antunes, 2021)

Em sua biografia, Paton dá indícios de como Elizabeth conciliava sua rotina de cuidados com os netos e a redação do livro:

Her habits of early rising and of working before breakfast gave her an advantage; in fact, not requiring much sleep she used often on waking in the night to read or write as she was disposed, and she habitually kept by her bedside the appliances for making tea, so that whenever she woke she might have a cup of tea before proceeding to her work, without regard to the time. Upon these hours before the rest

⁸ Pois com sua morte, a Sra. Agassiz entrou em uma existência essencialmente nova. O fim tinha chegado aos dias de grandes viagens, de interesses científicos instigantes e estimulantes, e de absorção no bem-estar e nas atividades de seu marido. (Tradução nossa)

of the household was stirring she relied for the accomplishment of her task.⁹
(ANTUNES, 2021, p.36, *apud* Paton, 1919)

Ao mesmo tempo que trabalhava na biografia de Louis surgiu a oportunidade de fazer parte de um comitê para organizar a instituição que ficaria conhecida como *Private Collegiate Instruction for Women*¹⁰. Em 1882, o Anexo foi incorporado como a Sociedade para a Instrução Colegiada para Mulheres, e Elizabeth tornou-se a primeira presidente, no ano de 1884 ajudou a garantir uma doação para presentear Harvard, porém a universidade recusou a oferta. Em 1894, o Radcliffe College foi fundado, por volta da mesma época Elizabeth comprou a propriedade em torno do colégio, que permanece até hoje como centro de administração para o Instituto Radcliffe. Em 2001 o então presidente de Harvard Drew Gilpin Faust (que na época era também o reitor do Instituto Radcliffe) escreveu *Mingling Promisculy: A History of Women and a Men at Harvard*¹¹ afirmando que Elizabeth acreditava firmemente que “o Colégio sobre o qual ela presidia era apenas um expediente temporário e que logo as mulheres seriam admitidas como estudantes de pleno direito em Harvard, nem que para isso ela tivesse de esperar por mais de um século”¹²

Elizabeth Cary Agassiz faleceu em 27 de junho de 1907, em Arlington, Massachusetts na casa de uma das sobrinhas. Ela foi enterrada no cemitério de Mount Auburn, junto ao marido. Até hoje, seu nome é lembrado na Universidade de Harvard como figura fundamental na defesa do ensino superior para mulheres. Seu legado para as ciências naturais, por mais que seja extenso, ainda permanece pouco explorado. O relato da viagem ao Brasil, que ocorreu de 1805 a 1806 é um dos mais ricos em detalhes, não apenas em fauna ou flora, mas também na descrição da sociedade amazônica que, com seu olhar peculiar, Elizabeth consegue, com maestria e sensibilidade, descrever o cotidiano das mulheres amazônicas, suas lutas, dificuldades e particularidades.

Diante da digressão realizada, podemos notar que Elizabeth Agassiz constrói uma determinada identidade e trajetória a partir de uma peculiaridade construída dentro das influências de um *habitus* de classe e campo de poder.

⁹ Seus hábitos de levantar cedo e de trabalhar antes do café da manhã lhe davam uma vantagem; de fato, por não precisar dormir muito, ela frequentemente acordava durante a noite para ler ou escrever o quanto se sentisse disposta, e mantinha habitualmente ao lado de sua cama os utensílios para fazer chá, de modo que sempre que acordava ela podia tomar uma xícara de chá antes de prosseguir para seu trabalho, sem levar em conta o tempo. Nessas horas, antes que o resto da casa se agitasse, ela confiava na realização de sua tarefa.

¹⁰ Instrução Colegiada Privada para Mulheres. (Tradução nossa)

¹¹ Misturando Promiscuidade: Uma História de Mulheres e Homens em Harvard

¹² HARVARD RADCLIFFE INSTITUTE. Elizabeth Cary Agassiz. Disponível em: <<https://www.radcliffe.harvard.edu/people/elizabeth-cary-agassiz>>. Acesso em: 29. dez. 2022

Podemos notar que, assim como aponta Bourdieu, o princípio unificador e gerador de todas as práticas, e em particular, das orientações que chamamos de “escolhas” ou “vocações”, muitas das vezes são tomadas como tomadas de consciência, na verdade não são outra coisa senão o *habitus*, o sistema de disposições inconscientes que constituem como o produto da interiorização das estruturas objetivas não apenas do indivíduo, mas também do local onde ele se insere, na qual são projetadas carreiras objetivamente ajustadas ao seu meio.

1.1 Elizabeth Agassiz: uma dama do século XIX

O século XIX pode ser considerado uma época de cisões: cisão entre igreja e estado, misticismo e racionalismo, religião e ciência. Todas as áreas do conhecimento registraram avanços e a ciência passou para domínio público, adquirindo caráter mais popular.

Costa (2013) aponta que essa maneira científica de ver o mundo foi desenvolvida e aperfeiçoada com os constantes avanços no ramo científico. Nesse período os homens nutriam uma fé inabalável no progresso. A convicção de que a ciência era a chave para todas as portas, em grande parte foi fruto da laicização do conhecimento. Esse fato, permitiu que o discurso científico, produzido em bases racionais, se tornasse independente da igreja.

Diante desse cenário, surgiam novas propostas, teorias e conceitos. Porém, por mais que a ciência tenha ganhado espaço nos debates de universidades, ainda havia aqueles que apoiavam correntes defensoras da fé cristã. Foi nesse duelo de ideias que se abriu a discussão para uma questão que até hoje ocupa vultuoso espaço no certame não apenas das universidades, mas também nos espaços pessoais.

No ano de 24 de novembro de 1859, Charles Robert Darwin publica a obra intitulada “A Origem das Espécies”, a teoria principal do autor se baseia na ideia de que todos os seres vivos descendem de um ancestral comum, e as diversas espécies surgiram com acumulação lenta de caracteres, quando estes são benéficos lhes dão maior chance de sobrevivência e reprodução, ou seja, os mais adaptados ao meio tem maiores chances de deixar descendentes.

A publicação de Darwin abriu um caminho sem precedentes para o duelo: criacionismo¹³ vs evolucionismo. Se de um lado era defendida a ideia de que Deus era o único criador do universo e de toda a vida que habita nele, de outro, germinava a concepção de que, não só o ser humano como todas as criaturas do planeta sofreram variações adquiridas com o objetivo de dar vantagem aos seres na luta pela sobrevivência. (DARWIN, 2010).

¹³ Doutrina baseada no Gênesis bíblico, segundo a qual o mundo foi criado por Deus a partir do nada.

O cientista Louis Agassiz era o principal defensor da teoria criacionista catastrofista,¹⁴ e dentro dessa teoria os homens assim como os demais seres vivos, nasceriam prontos. Deus, quando não se agradava das ações na Terra enviava catástrofes que destruíam a vida no planeta para que ele pudesse reconstruir novamente do zero, uma das “provas” nas quais se baseava essa teoria seria a presença de *drift*¹⁵ nas camadas geológicas. A teoria criacionista abria um parêntese para a explicação das raças humanas, o contato com os negros norte-americanos e com teóricos racistas fez com que Agassiz adotasse a ideia de poligenia das espécies humanas. Ou seja, acreditava que os seres humanos não seriam descendentes de um ancestral comum e sim fruto de criações distintas.

Sob esse aspecto, aponta Machado (2007) que o pensamento dos Agassiz também assumiam bases profundamente hierárquicas, uma vez que acreditava que os seres mais evoluídos, em seu envolver, haviam transitado (de forma temporária) por estágios mais rudimentares, nos quais os seres destinados à inferioridade permaneceriam por toda a existência. Nesse caso, os seres mais evoluídos seriam os europeus (a raça branca e civilizada), e os destinados a inferioridade seriam os negros e indígenas.

É importante lembrarmos que ao entendermos o pensamento de Louis Agassiz também estamos nos debruçando sobre Elizabeth que, além de ter nascido em uma família abastada e fortemente religiosa teve contato direto, através do marido, a esse tipo de pensamento. Como dito acima, ela o acompanhava nas viagens e assistia suas palestras na Universidade, tendo aulas com Agassiz durante o período que funcionava a *Agassiz School*.

2. A contradição científica que deu início a expedição Tayer

Como explanado brevemente no capítulo anterior, vemos que o século XIX foi uma época de descobertas, o advento de um novo tempo na tecnologia e na ciência, os preceitos divinos estavam sendo cada vez mais colocados de lado, começava a surgir outras formas de ver, pensar e interpretar o mundo:

A descrença em Deus tornou-se relativamente fácil em meados do século XIX, pelo menos no mundo ocidental, já que muitas das ideias passíveis de verificação das escrituras judaico-cristãs haviam sido minadas ou mesmo desmentidas pelas ciências sociais históricas, e sobretudo naturais. (HOBSBAWM, 1982, p.261)

¹⁴ Teoria que defende que a Terra sofreu a ação de fenômenos catástrofes, que resultaram nas configurações geológicas e biológicas atuais.

¹⁵ Camadas de solo presentes em uma região que não apresentam relação com a rocha ou com o terreno.

No decorrer do inverno de 1864-1865 a saúde de Louis Agassiz encontrava-se debilitada de modo que foi recomendado a ele que “mudasse de ares” e descansasse um pouco, esse foi um dos maiores pretextos para que fosse realizada a expedição Tayer. Quando Agassiz compartilhou com seus pais, pela primeira vez, as notícias de sua jornada ao Brasil, escreveu para sua mãe a seguinte carta, datada de Cambridge, 22 de março de 1865:

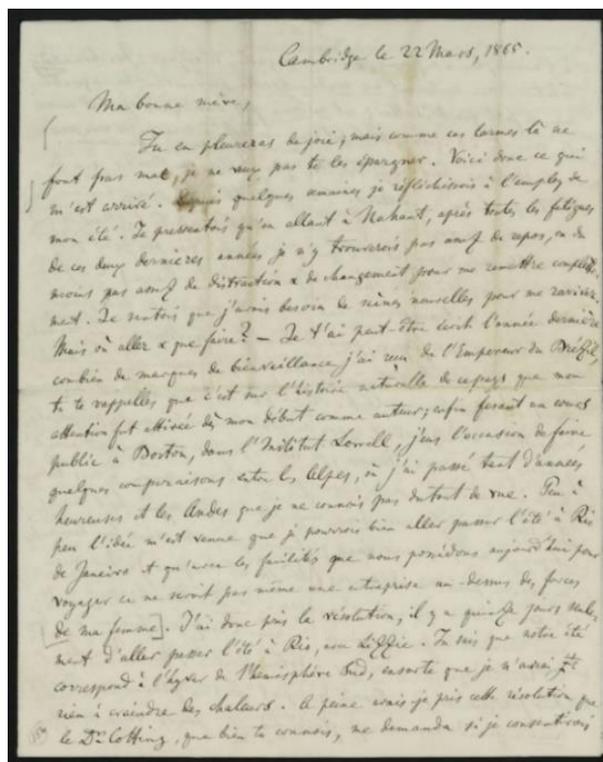


Imagem 01: Carta de Louis Agassiz a mãe, Rose Mayor Agassiz. (Houghton Library, Harvard University) ¹⁶

Se por vezes referimo-nos a expedição de Agassiz como “Tayer”, é por conta de que seu principal financiador foi o norte-americano Nathaniel Tayer (1808-1883), banqueiro e filantropo tendo sido um dos principais benfeitores de Harvard. Seu auxílio foi primordial para transformar a viagem em uma expedição científica, uma vez que, sem sua ajuda financeira os custos dificilmente poderiam ser cobertos pelo casal.

Embora a viagem tivesse, a princípio, o objetivo de permitir a Agassiz algum tempo de descanso de sua corrida rotina, de seus trabalhos em Harvard e no Museu de Zoologia

¹⁶ Sinto que preciso de novas cenas para me dar nova vida. Mas para onde ir e o que fazer? Talvez eu tenha escrito, no ano passado, sobre os vários sinais de gentileza que recebi do Imperador do Brasil e você se lembrará que, quando fiz meu *debut* como autor, minha atenção estava voltada para a História Natural daquele país. [...] Em resumo, a ideia me veio gradualmente, de que eu poderia passar o verão no Rio de Janeiro e que, com as presentes facilidades de viagem, a jornada não seria tão fatigante para minha esposa... Sendo assim, então, eu já havia me decidido quando, de forma totalmente inesperada, e como consumação de todos os meus desejos, minha viagem de prazer foi transformada em uma importante expedição científica para o benefício do Museu [de Zoologia Comparada], pela intervenção de um de nossos amigos, o Sr. Nathaniel Thayer. Por acaso eu o encontrei uma semana atrás em Boston. Ele riu um pouco de minha disposição errante e então me perguntou que planos eu possuía para o Museu, em conexão com minha jornada. (Tradução nossa)

Comparada, a empreitada rapidamente tomou rumo científico. Indo do Rio de Janeiro ao Amazonas e formada por uma equipe de 12 pessoas (composta por geólogos, desenhistas, ornitólogo, taxidermista e um grupo de assistentes que durante o ano se dividiram em vários grupos) a expedição contou também com o apoio do próprio Dom Pedro II que é descrito por Agassiz como sendo um entusiasta “por todos os empreendimentos científicos”.

Por trás da premissa de estudar fauna e flora amazônica, Agassiz esperava encontrar no Brasil provas favoráveis a teoria criacionista. Embora gozasse de prestígio intelectual por parte de autoridades norte-americanas e do grande público, começava a ser questionado por jovens naturalistas americanos, que abandonavam suas interpretações, julgadas como teológicas demais, além de criticarem seu posicionamento racista. Nos primeiros três meses de viagem (com a primeira parada no Rio de Janeiro), Agassiz convenceu-se da existência de provas da sua teoria no Brasil ao observar acidentes naturais no relevo da cidade, embora hoje se saiba que o que ele interpretou como *drift* foram as camadas de solo laterítico, abundantes no país (KURY, 2021).

A expedição rendeu ao casal uma coleção iconológica das mais variadas espécies de peixes, retratos da população amazônica (principalmente da população negra e indígena) e um livro intitulado: Viagem ao Brasil (1865-1866).

3. A Amazônia sob um olhar feminino: a viagem ao Brasil dos Agassiz

Um dos livros essenciais para conhecermos o Brasil do século XIX, em especial a Amazônia, em particular no que tange a organização familiar, e especialmente as relações de gênero é *Viagem ao Brasil (1865-1866)* de Louis e Elizabeth Agassiz, escritos a partir da expedição realizada pelo casal durante um ano.

A obra, apesar de ser assinada pelos dois, foi uma produção quase que exclusiva dela, sendo produzido a partir dos comentários e anotações do marido e, principalmente da própria experiência de viagem de Elizabeth. Sua principal marca é o ponto de vista claramente feminino, e é exatamente esse olhar particular que o diferencia nas percepções das paisagens e dos fatos humanos presenciados em meados do século XIX no Brasil, e de modo particular, na Amazônia que, afinal, constituía-se de um alvo maior dos naturalistas (PINTO, 2008). Pois, a biodiversidade amazônica oferecia aos viajantes inúmeras possibilidades de reunir coleções de História Natural que eram enviados para museus e colecionadores do mundo todo. A comparação de espécies em gabinetes era uma etapa essencial para a descrição e a classificação taxonômica da natureza. Havia também, a possibilidade de mapear rios, ter

contato com diversas culturas indígenas e descobrir novas espécies de plantas e animais. Antunes (2021) aponta que expedições científicas funcionavam como uma espécie de etapa profissionalizante.

Vale lembrar que nos relatos da época ainda era rara a presença feminina em produções científicas. Por mais culta que fosse a viajante, o mais comum era que seus textos fossem enquadrados no gênero do relato pitoresco ou com características de descrições artísticas.

Os relatos de viagem científica eram redigidos, em quase toda a sua totalidade por homens eles, porém, também não parecem separar pitoresco e científico, feminino e masculino. Pelo contrário, esses relatos buscam dar conta da compreensão dos fenômenos culturais, inserindo-os no mesmo sistema das explicações científicas. Já o relato de Elizabeth busca não apenas separar suas observações culturais das explicações científicas, como também parece considerar as primeiras menos sérias do que as segundas. Aqui, o relato do pitoresco, adquire um sentido mais ameno e agradável. (KURY, 2021)

3.1 As mulheres amazônicas nas capitais: relações de raça e gênero nos centros urbanos

O calor latente típico dos trópicos envolvia a cidade de Manaus no dia 5 de novembro de 1865 (uma sexta-feira). Os rios Negro e Solimões escorriam faceiramente após breve, porém forte chuva, toda a cidade esperava ansiosamente pelo baile do dia 05.

Nessa noite, nas ruas escuras ao redor do palácio surgiam pessoas apressadas a pé, com lâmpadas acesas que iluminavam as ruas escuras da sinuosa Manaus. No trajeto até a casa do governador (o anfitrião da festa), Elizabeth tinha o olhar atento sobre as mulheres que aqui e ali, apareciam, de um canto escuro da rua, saindo de um toailete de baile no breu e saltando com cuidado por cima das poças de lama, formadas pela chuva do fim de tarde.

O salão, iluminado por grandes lâmpadas e cortinas aveludadas dava ao ambiente ares românticos. Em todos os cantos ouviam-se sussurros e diversos tipos de amabilidades preenchiam o local. Foi dentro dessa atmosfera que ela teceu comentários sobre a toailete feminina:

Entretanto, quando todos já haviam chegado, observei que nenhum dos vestidos sofrera severamente com a caminhada. Era grande a variedade de toailettes; sedas e cetins roçavam-se com lãs e musselinas, e os rostos mostravam todas as tonalidades (...). (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.174)

Cerimoniosa e cheia de etiquetas, a sociedade manauara do século XIX perfilava em seus salões distinções e regras nos corpos e comportamentos sobre o feminino. Esses modos

eram seguidos, pois os estilos de vida da elite dominante eram marcados por influências do imaginário da aristocracia portuguesa. A chamada família patriarcal brasileira era comandada pelo pai, detentor de enorme poder sobre seus dependentes (D’Incao, 2013).

Nesse contexto, a mulher submetia-se a avaliação e a opinião dos outros sendo educada de forma bastante rígida não podendo (muitas das vezes) nem sair de casa ou receber os visitantes, ficando meses e meses sem sair de sua residência.

...Nas províncias do norte, principalmente, as velhas tradições portuguesas sobre a clausura das mulheres prevalecem. Seus dias decorrem tão descoloridos como os das freiras de um convento e sem elemento entusiasta e religioso que sustenta estas últimas. Muitas senhoras brasileiras passam meses e meses sem sair de suas quatro paredes, sem se mostrar, senão raramente à porta ou à janela (...). (AGASSIZ, 1975, p.167)

Os códigos de conduta se tornaram uma espécie de legislação não escrita. Segui-lo era muito mais do que ter etiqueta, era sinal de prestígio social, para ser uma mulher respeitável dentro da sociedade manauara era necessário uma série de comportamentos que iam desde o círculo social mais amplo até o mais íntimo. Sob esse aspecto a intimidade se torna cada vez menor, o espaço particular é reduzido em prol de uma construção maior desta teia chamada sociedade.

Segundo D’Incano (2013) a proposta era ser civilizado como os europeus. As mulheres de classe mais abastada eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e esposa, as chamadas “prezadas domésticas”. Aí eram incluídas tarefas como: orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Sua existência limitava-se as quatro paredes de sua casa, por isso, muitas das vezes missas, bailes, jantares e até velórios tornavam-se os raros ambientes de socialização para elas.

Mesmo que elas possam usar esses ambientes como espaços para fugir das quatro paredes ainda é necessário cautela com as normas de conduta. Segundo as observações de Elizabeth (1975, p.174) “na sociedade brasileira reina geralmente certo constrangimento (...), mesmo nas grandes cidades; com mais forte razão nas pequenas...”. Para que se evite qualquer erro é necessário forte rigor nas convenções sociais. Sendo os brasileiros bastante hospitaleiros, porém muito formalistas e cheios de etiquetas e cerimônias.

Desse modo, são construídos diversos tipos de procedimentos e cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase que integralmente mãe dedicada e esposa atenciosa. Para Elizabeth esses códigos levam as mulheres da elite a uma “existência inteiramente vazia e sem objetivo” (1975, p.167), tendo apenas duas opções, ou ela se irrita

com suas cadeias e infelicidades ou aprende a viver no pequeno espaço reservado a ela, espaço esse que lhe eram impostas regras altamente rígidas.

Agora, atento-me a discorrer um pouco mais sobre as relações entre raças presentes na sociedade amazônica. Muitas são passagens interessantes sobre essa relação, principalmente na cidade de Manaus, registrada pela autora. Antes de tudo, é necessário lembrar que a visão tecida por ela possuía bases estritamente racistas, e isso se dava, principalmente, pelo contato direto dela com a teoria criacionista do marido e com a condição social que ocupava em Boston. Além disso, as muitas preocupações sobre a mistura de raças apresentada por Elizabeth ocorrem sempre de forma comparativa aos de sua terra natal, ou seja, ela avalia a mistura de raças do país em comparação aos Estados Unidos (que vivia fase semelhante).

No dia 10 de dezembro de 1865, o casal se preparava para subir o Rio Negro e terminar a estadia na cidade de Manaus, Elizabeth faz a seguinte avaliação, ainda parcial, da expedição.

As seis semanas que acabamos de passar foram muito proveitosas do ponto de vista científico. Não só Agassiz aumentou seus conhecimentos sobre os peixes, como teve ocasião de acumular uma soma de fatos novos e interessantes sobre as numerosas variedades produzida pelo cruzamento de índios, pretos e brancos, e pode juntar às suas notas uma série de fotografias. (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.182)

Assim, percebemos que a Amazônia foi palco de coletas não apenas para a zoologia criacionista do casal, ela também serviu como uma espécie de exemplo a ser evitado na América do Norte. O relato de viagem está repleto de observações sobre a mestiçagem brasileira e inclui gravuras que ilustram os “tipos” brasileiros, principalmente na cidade de Manaus. Há uma passagem, em que Elizabeth compara as “misturas” das raças humanas presentes na Amazônia “tanto quanto a mula participa dos do cavalo e da jumenta” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.183). Segundo ela, essas misturas acabam por eliminar os “traços primitivos”, que podem levar ao resultado de

...uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu, e com eles todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de pura raça... (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.184)

A ideia de que a mistura de raças levaria o declínio dos tipos humanos presentes na Amazônia era proveniente das ideias poligenistas que classificava as raças não apenas pelo fenótipo, mas também atribuía características psicológicas a cada “tipo”. No que diz respeito as mulheres, Elizabeth classificava as negras como hiper sexuadas, produto de lascividade primitiva, enquanto as indígenas eram retratadas como apáticas, de estrutura baixa e mirrada.

A prova para esta afirmativa constava nos divertimentos das danças, quando as indígenas deixavam-se levar pelos parceiros sem demonstrar alegria ou tristeza, ao contrário do que ocorria nas danças dos negros, “nessa é a dama que provoca o seu par, e seus gestos não são sempre de perfeita modéstia.” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.163)

Uma das maiores preocupações de Agassiz com relação as raças que considerava inferiores era a possibilidade de mestiçagem (KURY, 2001). Durante sua estadia na Amazônia pode observar que os diversos cruzamentos raciais se davam de maneira única e que

Em nenhuma outra parte do mundo se poderia estudar tão completamente como no Amazonas a mistura de tipos, pois aí os mamelucos, os cafuzos, os mulatos, os caboclos, os negros e os brancos produziram, por suas alianças, uma confusão que à primeira vista parece impossível destrinchar. (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p. 182)

Essas observações eram facilitadas, segundo o casal, pelo fato de grande parte do que chama de “população inculta” andar seminua. Ambos ficam bastante impressionados com as possibilidades existentes para futuros estudos raciais na Amazônia. Além disso, a autora também parece ficar chocada com a aceitação da sociedade a pessoas de todas as cores. Ainda durante a estadia em Manaus, na noite do baile do dia 5 de novembro ela observa que “Não há aqui, com efeito, o menor preconceito de raça. Uma mulher preta – admitindo-se, já se vê, que seja livre – é tratada com tanta consideração quanto uma branca.” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.174). Este tratamento pode ser explicado pelo fato de a sociedade amazônica sobreviver, majoritariamente, do uso do trabalho compulsório indígena. Segundo Sampaio (2014), este era um dos fatores que contribuía para o obscurecimento do papel do escravo negro na cidade de Manaus e seus arredores. Havia os negros de ganho, das vendedeiras, daqueles que possuíam ofícios especializados, dos serviçais domésticos etc.

Nessa suposta igualdade racial, observada por Elizabeth seria prejudicial que se misturassem as raças de maneira que era “impossível destrinchar” mestiços e “raças puras”, pois iria-se produzir raças “fracas” e “depauperadas”, compostas por seres vagos, sem caráter nem expressão, a presença do indígena é situada no limbo da nação, entre o imaginário romântico e a nulidade, lugar onde permanecerá durante muito tempo.

3.2 Relações de Gênero nas pequenas Vilas

Numa manhã de sol, em meio às árvores, uma família anônima começa o dia. O marido e a mulher preparam-se para o longo dia, ele se arruma para caçar ou pescar e logo saí, enquanto ela prepara a comida para os curumins (meninos) e as cunhantãs (meninas). Ao

ouvir o barulho da mãe, as crianças acordam e todos fazem os desjejum de sempre, tapioca, pé de moleque, beiju e pupunha cozida.

Sem dúvida, essa foi uma descrição simplificada sobre o cotidiano das famílias que viviam no interior da Amazônia que os viajantes estrangeiros propagaram em seus relatos de viagem. Nesse cotidiano é que são desenvolvidas as relações de trabalho, tempo, proximidade com a natureza, atividades extrativas e ainda a tradição agrícola mesclada com a herança indígena milenar, muito diferente da que se apresenta no mundo capitalista. (COSTA, 2013)

Santos (2005) aponta que a mulher, como se pode perceber-nos diversos trechos do relato de viagem, ainda é um elemento submisso da sociedade amazônica, embora essa submissão possua nuances diferenciadas. A autonomia torna-se mais visível quando nos deparamos com atenuações nas restrições sociais.

Em uma época que o controle dos corpos e da intimidade era tido como regra, na Amazônia as indígenas aparecem no relato dos Agassiz como portadoras de um grau diferenciado de autonomia, trabalhando na roça sozinhas durante o dia, deslocando-se de canoa pelos igarapés, ou até mesmo trabalhando sem a supervisão dos homens, autonomia essa que não estava presente no cotidiano das mulheres brancas da cidade.

Um bom exemplo dessas nuances é o caso das mães solteiras, que tinham filhos da fortuna, como falado pela autora. Enquanto nas cidades ter um filho sem pai poderia representar escândalo e arruinar a reputação de famílias inteiras, na zona rural esse era um cenário mais “comum”, principalmente entre os indígenas. É com espanto que Elizabeth se depara com tal situação e constata que o quadro revela a “ausência de moral”, enfatizando que esta é uma característica das mestiças, “é comum nas mulheres índias de sangue mestiço falarem a cada instante de seus filhos sem pai” (p.185).

O que devemos ter em mente é que o que baliza as observações da autora é o sentido de moral presente no ocidente. Santos (2005) aponta que em vários trechos, o seu relato é apresentado como condição sem a qual não poderia ter o êxito do projeto civilizatório presente nos trópicos.

Até a chegada dos missionários cristãos a sexualidade entre os indígenas fluía de forma natural, como ocorrência da sua fisiologia, ou seja, nada impedia a mulher de praticá-la. O controle de corpos vem com o casamento quando a mulher passa a ser de domínio do marido. Isso explica o comportamento diferenciado da mulher amazônica em relação as mulheres do Sul, Sudeste e até mesmo na própria Manaus no tocante a maternidade,

matrimônio e sexualidade. Por isso elas demonstram mais autonomia individual, com suas próprias regras de comportamento.

A mulher amazônica também mostra resiliência e força, muitas das vezes ela aparece como principal engrenagem para que tudo funcione da melhor maneira possível. Um exemplo disso ocorre durante a estadia de Elizabeth na choça da Esperança, onde ela conhece o casal de indígenas Laudigari e Esperança.

O homem, como todos os índios das margens do rio Amazonas, é pescador e, com exceção dos cuidados pelo seu pequeno domínio tem como exclusiva ocupação a pesca. Nunca se vê um índio trabalhar nos cuidados internos da casa; não carrega água, nem lenha, nem pega mesmo nas coisas mais pesadas. Ora, como a pesca só se dá em determinadas estações, ele folga a maior parte do tempo. As mulheres, ao contrário, são muito laboriosas (...). Ela rala mandioca, seca a farinha, comprime o tabaco, cozinha, varre os quartos. (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.120)

Elizabeth observa que o homem se preocupa apenas com a pesca que se dá apenas em determinadas estações. Nunca se vê um homem responsável pela casa ou pelo cuidado com os filhos. Pelo contrário, de acordo com a viajante, isso é tarefa exclusiva das mulheres, que tem dias mais laboriosos. Esperança é tomada como exemplo, pois sempre está atarefada com os afazeres domésticos que incluem desde a limpeza da casa até ralar mandioca e pegar água. Dentro desse cenário, a autora demonstra revolta com determinadas situações passadas pelas mulheres, outro exemplo dado por ela é o casal Manuel e Miquelina, segundo Elizabeth

... o marido é um folgazão de porte elegante, cuja ocupação principal é tomar atitudes pitorescas contemplando a mulher, aliás bem bonita, que vai e vem pela casa, muito atarefada em ralar mandioca, exprimer-lhe o suco e peneirá-la, sem abandonar, todavia, um instante sequer o filhinho, engançando em seus quadris... (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.121)

O marido, descrito como *folgazão* deixa toda a responsabilidade com a esposa, ou seja, manutenção da casa, preparo de comida, água e filhos são todos os afazeres pertencentes ao universo feminino. Enquanto o universo masculino se ocupada apenas com a pesca ou a caça.

O vigor apresentado pelas indígenas chega a ser visto de forma espantosa.

Fiquei admirada do vigor com que D. Maria, a sogra do nosso hospedeiro, abria seu caminho nessa vegetação emaranhada, ajudava a desimpedir a passagem e abatia os galhos com seu facão. Nessa terra tão quente, seria de supor que as mulheres fossem indolentes e moles, e assim bem o é nas cidades onde têm hábitos de indolência desconhecidas das mulheres de nossos países; no Alto Amazonas, porém, as que são criadas no campo, no meio dos índios, são muitas vezes muito enérgicas, põe as mãos ao remo e à rede tão valentemente como o próprio homem. (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.147)

A ideia se liga ao casal, na medida em que os Agassiz acreditavam que todos os seres organizados foram criados para pertencer a uma determinada pátria, ou seja, existia ligação entre os seres e os lugares que eles habitavam. Para Elizabeth, o clima quente dos trópicos

deixaria os habitantes preguiçosos e indolentes e para sua surpresa, ao se deparar, principalmente com as mulheres, a autora repara hábitos e atitudes que não convinham com as teorias tão difundidas nos Estados Unidos.

Cabia também a mulher o papel religioso, mesmo com os homens ocupando as posições mais altas nos cargos de clérigos eram as mulheres que mantinham os costumes religiosos. A mãe de Esperança, por exemplo, é descrita como uma velha muito feia que tinha o costume de rezar todos os dias em frente a um cofre que mais tarde Elizabeth descobriu se tratar de um pequeno altar.

O costume religioso foi visto como uma forma de ingenuidade. Aqui podemos notar a diferença que se fazia na época, Elizabeth via o cofre e os objetos que havia nele como “toscos”, porém, “a ingênua índia (...) tomava-os nas mãos um de cada vez, com respeito” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.122), fazendo com que tal cena pitoresca se tornasse, no fim, comvente aos olhos da viajante.

3.2.1 Alexandrina: A “ajudante de Naturalista”

Agora, atento-me a tecer (ao pelo menos a tentar) sobre um personagem um tanto quanto curioso que aparece no relato de viagem dos Agassiz. Ainda na “choça de esperança”, em Tefé o casal contrata a seu serviço uma mulher chamada Alexandrina, cujo tanto traços físicos quanto agilidade chama atenção de ambos.

Alexandrina é descrita por Elizabeth como uma “preciosa aquisição” não somente do ponto de vista doméstico, mas também do científico. Pois a moça aprendera a limpar e preparar os esqueletos de peixes, tornando-se indispensável ao trabalho do improvisado laboratório da expedição. Como conhecia bem todos os caminhos da mata e acompanhava Elizabeth nas coletas herboristas.

A primeira menção dela porém, não foi de sua eficiência como conhecedora dos arredores e das espécies de plantas, e sim de sua aparência física, isso levou os membros da expedição a registrar sua imagem. O maior motivo do registro de sua figura foi a disposição extraordinária de seus cabelos. A aparência física da moça foi suficiente para fundamentar seus juízos de valor sobre a mistura de sangue indígena e negro.



Imagem 02: Retrato de Alexandrina, por W. James. (Livro “Viagem ao Brasil 1865-1866”, p.154)

Além das menções de Elizabeth, também há pequenos indícios sobre um possível registro da moça. Um anúncio publicado no jornal Estrella do Amazonas no dia 16 de abril de 1856, da página 4 continha um aviso sobre dois escravos fugidos de Belém, que pertenciam ao comerciante Pereira Carneiro. O anúncio assegurava que os escravos haviam fugido para o Rio Negro e estavam subindo o Amazonas, o casal era João Mulato e Alexandrina. O nome familiar presente no anúncio pode ser o da mesma Alexandrina, que, nove anos depois foi contratada em Tefé (subindo o rio) pelo casal de naturalistas?

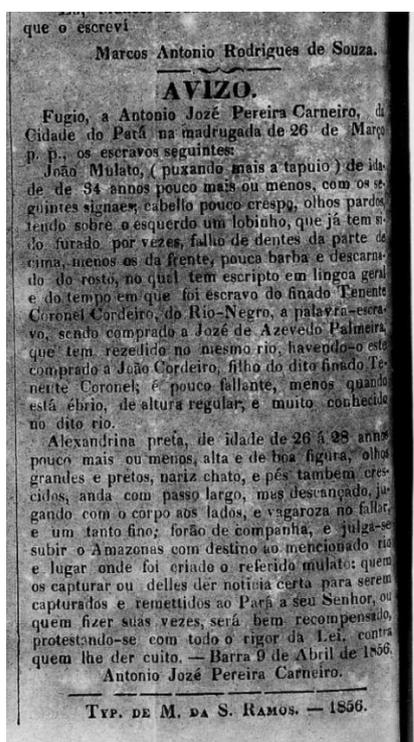


Imagem 03: Anúncio Estrella do Amazonas, n.140, 16 de abril de 1856, p.04 (Hemeroteca Digital Brasileira)

O fato dela saber tão bem os caminhos da mata e de seus arredores, além das espécies de plantas podem ser indícios dos anos de fuga pelo qual Alexandrina e seu parceiro passaram. Segundo a própria Elizabeth “Ela distingue imediatamente as menores plantas em flor ou em fruto” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.149). Mesmo que os indícios sejam poucos, seria possível que a Alexandrina do anúncio da Estrella da Manhã fosse a mesma retratada pelo casal Agassiz, nove anos depois?

Pelo sim, pelo não (talvez nunca saibamos ao certo), tudo aponta que o trabalho realizado por Alexandrina foi de preciosa ajuda ao casal. Sampaio (2015) salienta que ela pode ter sido a primeira imagem de uma mulher cafuza que temos, se formos recorrer a classificação de cor/raça do século XIX.

Considerações Finais

A região Amazônica, desde a chegada dos portugueses recebeu ao longo dos séculos a visita de uma série de figuras. Foram viajantes, naturalistas, exploradores, missionários e militares que deixaram uma herança rica e variada produção de cartas, romances e relatórios de viagem que influenciaram a construção de algumas representações que até hoje se mantêm vivas no imaginário popular. Cenários, ideias, pessoas, costumes e crenças foram algumas das bagagens trazidas e levada pelos viajantes. Nesse contexto é importante observarmos o papel feminino no seio familiar e social para que possamos entender melhor o contexto da sociedade amazônica.

Como visto as mulheres e sua relação social no século XIX, estiveram presentes na história, porém, há uma lacuna sobre as suas trajetórias na Historiografia. Somente, a partir do final do século XX, historiadoras e historiadores elegeram as mulheres como objeto de interesses de suas investigações históricas. A utilização de uma metodologia inovadora nos fez constatar que a ausência ou omissão de informações inscritas nas fontes históricas deixadas no tempo, pode ser um bom indicativo: o silêncio quase sempre é polifônico. E é isso que torna pesquisas científicas importantes: interrogar o sentido do silêncio que paira na historicidade de determinado assunto.

Ao nos debruçarmos sobre os escritos e a vida de Elizabeth Agassiz podemos vislumbrar um cenário há muito esquecido. São-nos revelados personagens, enredos e paisagens de forma simples e leve. Sua própria trajetória, mesmo que fosse de uma dama da mais alta sociedade norte-americana nos mostra um pouco da dificuldade enfrentada pelas mulheres na comunidade científica. Sua luta pelo reconhecimento e espaço das mulheres no

ensino superior, além da dedicação de produção de material científico (os relatos de viagem e mais tarde uma biografia tanto do marido quando dela, elaborada por ela mesma), nos faz pensar sobre o papel da mulher na produção científica do século XIX.

Ao analisarmos a trajetória de Elizabeth, dificilmente podemos considerar que sua aproximação com a prática científica se deu apenas ao acaso, ou por intermédio de seu marido. Ainda que existam diversas lacunas em sua biografia, podemos observar por meio do relato de viagem produzido por ela que Elizabeth possuía um olhar aguçado para questões sociais, culturais e até políticas. Embora a amizade com o imperador tivesse freado qualquer atitude para criticá-lo, observamos que a autora apresenta a diferença com que os indígenas (principalmente as mulheres) eram tratados. De forma semelhante, ainda que ela não estivesse diretamente ligada a movimentos feministas ou sufragistas, observamos ao longo de toda a sua trajetória como esteve sempre atenta às condições e aos papéis sociais destinados às mulheres. Nos capítulos finais de *Viagem ao Brasil*, ela faz questão de criticar o modelo de aprendizagem voltado às mulheres, mostrando, mesmo que de forma singela, sua revolta, ela destacou:

Efetivamente, nunca conversei com as senhoras brasileiras com quem mais de perto privei no Brasil sem delas nada a receber as mais tristes confidências acerca de sua existência estreita e confinada. Não há uma só mulher brasileira, que, tendo refletido um pouco sobre o assunto, não se saiba condenada a uma vida de repressões e constrangimento. Não podem transpor a porta de sua casa, senão em determinadas condições, sem provocar escândalo. A educação que lhes dão, limitada a um conhecimento sofrível de francês e música, deixa-as na ignorância de uma multidão de questões gerais; o mundo dos livros lhes está fechado, pois é reduzido o número de obras portuguesas que lhes permitem ler (...). Pouca coisa sabem da história de seu próprio país... (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.278)

Naturalmente, como ocorre com todos os viajantes, as observações de nossa autora são resultado de uma negociação entre o próprio contexto no qual estava inserida e as condições que achou aqui no Brasil. Talvez, por esse motivo, seu olhar para a situação das mulheres no país mereça ser destacado.

Vemos assim, que mesmo que não participasse dos movimentos feministas que começavam a aparecer nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, Elizabeth compartilhava do mesmo sentimento, de que as mulheres mereciam maior espaço e liberdade para participar da vida social e cultural, não devendo permanecer excluídas somente aos ambientes privados da vida doméstica. Ainda que sua trajetória não apresente um padrão possível para todas as mulheres do século XIX, a análise de parte da trajetória de Elizabeth Agassiz nos apresenta os desafios comuns a muitas mulheres, desafios que permanecem até os dias atuais.

Referências

Arquivos e Fontes

Agassiz Correspondence and Other Papers, 1821 – 1877; Series I, MS Am 1419. Houghton Library, Harvard University. Disponível em: < <http://pds.lib.harvard.edu/pds/view/12379926?n=640>> Acesso em: 12 fev. 2023

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL. Estrella do Amazonas (AM) - 1854 a 1863. Disponível em: < <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/estrella-amazonas/213420>>. Acesso em: 05 fev. 2023.

HARVARD RADCLIFFE INSTITUTE. Elizabeth Cary Agassiz. Disponível em: < <https://www.radcliffe.harvard.edu/people/elizabeth-cary-agassiz>>. Acesso em: 29. dez. 2022.

Bibliografia

AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil – 1865-1866**. Trad. de João Etienne Filho. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1975.

ANTUNES, Anderson Pereira. **A mulher viajante no Oitocentos: Elizabeth Agassiz e a Expedição Thayer (1865-1866)**. 2021. 72f. Monografia (Licenciatura em História) – UNIRIO História, Rio de Janeiro, 2021.

BOURDIEU, Pierre. Campo do Poder, Campo Intelectual a Habitus de Classe. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.183-202.

COSTA, Hideraldo. **Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia: Discurso dos Viajantes – Século 19**. Manaus: Valer e FAPEAM, 2013.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. 1ªed. São Paulo: USP, 2003. Disponível em: < <https://domainpublic.files.wordpress.com/2022/01/darwin.pdf>>. Acesso em: 02. Fev. 2023.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. *IN*: PRIORE, Mary Del. et al. **História das Mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

FERREIRA, Eliana Ramos. **As Mulheres na Cabanagem: Presença Feminina no Pará Insurreto**. Anpuh – Xxii Simpósio Nacional De História – João Pessoa, 2003. Disponível em: < <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.198.pdf>> Acesso em: 01 de maio de 2021.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital (1848-1875)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

KURY, Lorelai B. **A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo no Brasil**. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 157-172. 2001. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbh/a/gLSbT884tq5WjQsYrmTBSzP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 ago. 2022.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **A ciência norte-americana visita a Amazônia: Entre o criacionismo e o poligenismo “degeneracionista”**. REVISTA USP, São Paulo,

n.75, p. 68-75, setembro/novembro 2007. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13622/15440> >. Acesso em: 02. Jan. 2023.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte: Vivências Lusitanas na Cidade da Borracha: Manaus, 1893-1923. In: SARGES, Maria de Nazaré; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; AMORIM, Maria Adelina (org.). **O imenso Portugal estudos luso-amazônicos**. Belém: UFPA, Cátedra João Lúcio de Azevedo, 2019 p. 225-248. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/35761> >. Acesso em: 01 de maio de 2021.

PINTO, Rena Freitas. **Viagem das Ideias**. 2ªed. Manaus: Valer, 2008.

SAMPAIO, Patrícia Melo. **Os fios de Ariadne: Fortunas e hierarquias sociais na Amazônia, século XIX**. 2ªed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

SAMPAIO, Patrícia Melo. **Crônica de gente pouco importante VI: Alexandrina, a aprendiz de naturalista**. Manaus: Amazônia Real, 2015. Disponível em: < <https://amazoniareal.com.br/cronica-de-gente-pouco-importante-vi-alexandrina-a-aprendiz-de-naturalista/> >. Acesso em: 08 fev. 2023.

SANTOS, F. V. dos: **"Brincos de ouro, saias de chita": mulher e civilização na Amazônia segundo Elizabeth Agassiz em Viagem ao Brasil (1865-1866)**. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan.-abr. 2005. Disponível em: < <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi8idnkrP5AhXdBLkGHcthDuEQFnoECAUQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.redalyc.org%2Fpdf%2F3861%2F386137979002.pdf&usg=AOvVaw3u4D64wW1LgGYb1LnQ5Hsl> >. Acesso em: 02. Ago. 2022.